

## INSERÇÃO DA MULHER NO MUNDO DO DE TRABALHO PÓS DÉCADA DE 80

CHERINE, Marisa Lurdes<sup>1</sup>  
DELAI, Josefa Moreno<sup>2</sup>  
FREDERICK, Maristela Terezinha<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como tema a inserção da mulher no mercado de trabalho pós década de 80. O estudo justifica-se pela necessidade de promover discussões sobre a participação da mulher no mercado de trabalho, face ao seu destaque na sociedade produtiva e pela ausência de estudos sobre esta temática. Conclui-se que a participação da mulher no mundo do trabalho ainda sofre as dificuldades de um mundo historicamente dominado pelo homem. Mesmo as mulheres sendo maioria na população de 10 anos ou mais de idade, elas são minoria na população ocupada, em 2009, em média, eram 10,6 milhões de mulheres na força de trabalho, sendo 9,6 milhões ocupadas e 1,1 milhão desocupadas. Sobre a distribuição da população com 10 anos ou mais de idade, em condição de atividade, segundo o sexo, cerca 64,2% das mulheres ocupadas tinha entre 25 e 49 anos de idade, com 61,5% dos homens. As mulheres com 50 anos ou mais de idade são 30,2%, os homens são proporcionalmente maior 26,1%. Quanto ao rendimento de trabalho, as mulheres têm R\$ 1.097,93, para os homens são R\$ 1.518,31. As mulheres que possuíam de 8 a 10 anos de estudo, trabalham em média 39,4h semanais. Aquelas com 11 anos ou mais de estudo apresentaram a menor diferença de horas trabalhadas em relação aos homens, 3,6 horas. As maiores diferenças de horas de trabalho entre homens e mulheres, estão na faixa de mulheres que possuem de 1 até 3 anos de estudo que são de 7,2 horas.

**PALAVRAS- CHAVE:** Mulher. Mercado de Trabalho. Inserção.

### INCLUSION OF WOMEN IN THE WORLD OF WORK AFTER 80 '

### ABSTRACT

This article focuses on the integration of women into the labor market after the 80s. The study is justified by the need to promote discussions on women's participation in the labor market, given their emphasis on productive society and the lack of studies on this topic. We conclude that the participation of women in the working world still suffers the difficulties of a world historically dominated by men. Even women being the majority population 10 years or older, they are a minority in the population employed in 2009 on average were 10.6 million women in the workforce, with 9.6 million employed and 1.1 million unoccupied. On the distribution of the population aged 10 or older in activity status, by sex, about 64.2% of employed women were between 25 and 49 years old, with 61.5% of men. Women aged 50 or older is 30.2%, men 26.1% are proportionately greater. Regarding the performance of work, women have R \$ 1,097.93, for men are R \$ 1,518.31. Women who had 8-10 years of study, work on average 39.4 hours per week. Those with 11 or more years of study showed the smallest difference of hours worked in relation to men, 3.6 hours. The greatest differences in hours of work between men and women, are in the range of women who have 1 to 3 years of schooling is 7.2 hours.

**KEYWORDS:** Women. Labor Market. Insertion.

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo tem como objetivo analisar o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho. Para tanto, propôs-se um estudo para a produção de um conhecimento que extrapolasse os paradigmas tradicionais e personalistas da "história tradicional". Originou-se da necessidade em priorizar um campo da pesquisa histórica pouco trabalhada no mundo acadêmico. Resgatando aspectos do mundo feminino, em específico a entrada da mulher no mercado de trabalho.

Durante quase toda a história brasileira, a estrutura patriarcal marcou os destinos da sociedade. Só a partir da década de 30, a mulher conquistou o acesso à cidadania com o direito ao voto. Entretanto, ainda durante as primeiras décadas do regime republicano, refletia, na vida privada dos lares brasileiros em específico, nas regras do amor conjugal os mesmos valores (CARVALHO, 1990).

Em relação a essa problemática Miranda (1992, p. 82), chama a atenção à forma pela qual os temas da produção histórica nacional abordam a temática da mulher. Segundo a autora "(...) desde a chegada de Cabral, a costa brasileira até quase duzentos anos depois não há menção de nenhuma mulher em nossa história oficial. Há referências a paixões de europeus por índias aos contatos voluptuosos com a mulher exótica".

Diante do exposto, há de se considerar que esta grande lacuna da história feminina apresentou um retardamento na construção da sua efetiva cidadania. Fato que somente modificou em face de sua inserção no mercado de trabalho, que proporcionou mudanças de nível estrutural, comportamental e econômico.

<sup>1</sup> Docente da Faculdade Dom Bosco e da SEED/PR. Especialista em Administração, E-mail: marisalurdescherini@gmail.com

<sup>2</sup> Docente da Faculdade Assis Gurgacz. Coordenadora do Curso Superior em Marketing Faculdade Dom Bosco. Mestre em Energia na Agricultura, UNIOESTE/Cascavel. E-mail: jodelai@fag.edu.br.

<sup>3</sup> Docente da SEED/PR. Especialista em Administração, Supervisão e Orientação Educacional pela UNOPAR e MBA Estratégias e Práticas em Recursos Humanos pela SPEI. E-mail: maristelatfrederick@seed.pr.gov.

Esse artigo em si, não pretende finalizar os estudos do tema, pois se trata de recorte introdutório e de pesquisa bibliográfica. O mesmo justifica-se, pelo resgate de valores, conceitos, formas de vivência e visão do mundo feminino, ainda são pouco abordados pela produção historiográfica do Brasil. Justifica-se também, pois fornecerá elementos de debate e reflexão sobre as diferenças, as dificuldades e conquistas femininas durante o processo de inserção no mercado de trabalho.

## 2 TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO

As consequências ocorridas durante a crise econômica nos anos de 1929 com a quebra da bolsa de Nova York, e mais recentemente com a economia mundial que enfrentava sérios problemas de ordem econômica e financeira nas décadas de 1970 e 1980, provocaram mudanças radicais nas indústrias, e como consequência, afetaram milhões de trabalhadores levando-os ao desemprego.

Hobsbawn (1995) observou que a tendência geral da industrialização foi de substituir a capacidade humana pela capacidade das máquinas. Diversas mudanças que ocorreram no mundo do trabalho em relação ao capitalismo contemporâneo, acarretou numa desproletarização do trabalho industrial e fabril em países de capitalismo avançado, ocorrendo assim, uma diminuição da classe operária industrial. Mas, paralelamente, havendo uma efetivação expressiva expansionista do trabalho assalariado a partir da ampliação de novos serviços, bem como a incorporação do contingente feminino no mundo operário.

Constatou-se que, o crescimento da economia mundial deu-se principalmente pela constante Revolução Industrial, fato esse que alavancou o progresso, criando automaticamente mais do que suficientes novos empregos em substituições aos velhos perdidos, o que poderia subentender-se que a partir desse momento, começaria uma nova etapa no mundo dos negócios ou no mundo do trabalho, com a criação de novos empreendimentos a fim de alavancar a economia regional e mundial.

Com essas transformações, o camponês, que formara a maioria da raça humana em toda a história registrada, foi se tornando com o decorrer dos anos supérfluo pela revolução agrícola, passando do campo para as grandes cidades, alguns sem nenhuma espécie de conhecimento, somente a disposição para trabalhar, e outros na busca de novos conhecimentos, novas qualificações para a expansão do próprio ser.

Para Hobsbawn (1995) dentre as diversas transformações ocorridas no mundo do trabalho, o crescimento econômico no mundo capitalista teve um desenvolvimento contínuo, embora num ritmo visivelmente mais lento do que o período no qual passaram por grandes crises econômicas.

Contudo, no fim do século XX, os países do mundo capitalista desenvolvido, se achavam como um todo, mais ricos e mais produtivos do que no início da década de 1970, e a economia global da qual ainda formavam o elemento central estava mais dinâmica.

Na visão de Antunes (1998), dentro do universo ao qual se refere ao mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo, houve uma múltipla processualidade, sendo que, de um lado teve a diminuição da classe operária industrial tradicional, mas por outro lado, ocorreu a efetivação expressiva em relação a expansão do trabalho assalariado a partir de uma vasta ampliação no setor de serviços, dessa forma, percebeu-se uma significativa heterogeneização do assalariado no setor industrial e um expressivo contingente de trabalhadoras no mundo operário, além do que, intensificou-se nessa área, trabalhos temporários, por diversas situações tornando-se precários e terceirizados.

Na década de 80 presenciou-se, conforme relata Antunes (1998), nos países de capitalismo avançado, profundas e intensas modificações, podendo-se afirmar que a classe que vive do trabalho sofreu a mais aguda crise do século, atingindo não só a sua materialidade, mas sua forma de ser. Através das formas de inserção e estrutura produtiva, representação sindical e política.

Com isso, o trabalho individual, informal, a prestação de serviços, o trabalho não registrado ou trabalho temporário foram às formas que substituíram as relações empregatícias tradicionais e o aparecimento de novos empreendimentos, em um curto espaço de tempo.

O que se observa, não é apenas um mundo com novas profissões, mas novas maneiras de encarar e realizar o trabalho. Para Bernhoeft (1996) não estamos mais presos à relação tradicional empregado-empregador, diferindo apenas na forma como esse vínculo existia.

Neste cenário cabe uma reflexão sobre a mulher neste processo de mudanças radicais, com o intuito de conhecer as dificuldades e obstáculos encontrados neste universo. De modo que se busca compreender como está o mercado de trabalho para as mulheres, dado ao fato de que muitos lares brasileiros são sustentados por mulheres trabalhadoras.

## 2.1 A INSERÇÃO DA MULHER NO MUNDO DO TRABALHO

As mudanças no comportamento feminino ocorrido ao longo das três primeiras décadas do século XX incomodaram conservadores, deixaram perplexos, desanimados, e estimularam o debate entre os mais progressistas. Era muito raro e recente de senhoritas das camadas abastadas, chamadas de “boa família”, que se aventuravam sozinhas pelas ruas das cidades para abastecerem a casa ou para tudo o que fosse necessário. Conforme Bosi (1987) a ênfase com que os contemporâneos interpretaram tais mudanças, parecia ter soado um alarme.

Se as novas maneiras de se comportar tinham tornado-se corriqueiras em menos de duas décadas, a ousadia, no entanto, cobrava o seu preço; que a senhora soubesse conservar um “ar modesto” e uma atitude séria, que a todos impunham o devido respeito. E mais: que a mulher sensata, principalmente se fosse casada, evitasse sair a rua com um homem que não seja seu pai, seu irmão ou seu marido. Caso contrário iria expor-se à maledicência, comprometendo não só a sua honra como a de seu marido (BOSI, 1987)

Para Burke (1992), as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros, produzem estratégias e práticas sociais, escolares, políticas, que tendem a impor uma autoridade a custo de outros, por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas.

Nota-se que neste período, apesar de todas as mudanças sociais, políticas e econômicas a mulher só exercia sobre o homem o prestígio pelo seu sexo, posição esta que era encontrada tanto na mulher do campo como das cidades que se formavam. Todavia, essas nuances ocorridas vieram a influenciar a inserção da mulher no mundo do trabalho.

Após a consolidação deste processo histórico em específico, a mulher passa a ocupar um novo lugar na sociedade que se desenvolve. Assim, quando analisa-se as mudanças comportamentais do papel feminino já nas últimas décadas do século XX, percebe-se uma mudança social, comportamental, econômica e política.

Assim sendo, em um passado não muito distante, os lares eram dominados unicamente pelos homens, e as mulheres não podiam sequer, pensar em ganhar dinheiro. Hoje, esse cenário mudou. Há um grande número de mulheres que deixaram de serem apenas esposas, donas de casa e mães, ampliando suas conquistas na economia nacional e confirmando de forma brilhante suas competências e habilidades no mercado de trabalho. Porém essa mudança é lenta, as conquistas são constantes e progressivas.

Por outro lado, mesmo as mulheres sendo maioria na população de 10 anos ou mais de idade, elas são minoria na população ocupada, mas estão em maioria entre os desocupados. Acrescenta-se ainda, que elas são maioria também na população não economicamente ativa. Ressalta-se que em 2009, em média, eram 10,6 milhões de mulheres na força de trabalho, sendo 9,6 milhões ocupados e 1,1 milhão desocupadas. O total de mulheres na inatividade foi estimado em 11,3 milhões (IBGE, 2010).

Especificamente sobre a distribuição da população com 10 anos ou mais de idade, por condição de atividade, segundo o sexo, o IBGE (2009), destaca que cerca 64,2% das mulheres ocupadas tinha entre 25 e 49 anos de idade. Entre os homens este percentual era de 61,5%. Ressalta-se que embora a população de 50 anos ou mais de idade feminina (30,2%) seja proporcionalmente maior que a masculina (26,1%), considerando a população ocupada temos o inverso. Entre as mulheres empregadas 19,7% tinham 50 anos ou mais de idade, para os homens este percentual era de 21,5%.

De acordo com o IBGE (2009), no que diz respeito ao rendimento de trabalho das mulheres, estimado em R\$ 1.097,93, continua sendo inferior ao dos homens (R\$ 1.518,31). Em 2009, comparando a média anual dos rendimentos dos homens e das mulheres, verificou-se que, em média, as mulheres ganham cerca de 72,3% do rendimento recebido pelos homens. Em 2003, esse percentual era 70,8%.

Com relação às horas trabalhadas, IBGE (2009), as mulheres que possuíam de 8 a 10 anos de estudo, trabalham em média 39,4h semanais. Já, aquelas com 11 anos ou mais de estudo apresentaram a menor diferença na média de horas trabalhadas em relação aos homens, cerca de 3,6 horas. No ano de 2003, esta diferença era de 4,4 horas.

No entanto, as maiores diferenças de horas de trabalho entre homens e mulheres, estão na faixa de mulheres que possuem de 1 até 3 anos de estudo; 7,2 horas na média de horas trabalhadas entre homens e mulheres. Em 2003, esta diferença foi similar 7,3 horas (IBGE, 2009).

Concluindo a pesquisa realizada pelo IBGE (2009), as mulheres com 11 anos ou mais de estudo foram as únicas a aumentar a média de horas trabalhadas semanalmente, em todo o mercado de trabalho, de 38,8 horas em 2003 para 39,1 horas em 2009.

Necessariamente, a situação da presença feminina no mundo do trabalho passa por uma revisão das funções profissionais da mulher, pela crítica ao entendimento convencional do que seja o trabalho e as formas de mensuração deste, que são efetivadas no mercado.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia utilizou-se de pesquisa teórica bibliográfica, como livros, revistas, jornais e instrumentos midiáticos acessíveis ao público em geral sobre o tema estudado.

Segundo Vergara (1997) a pesquisa bibliográfica fornece os instrumentos necessários para o desenvolvimento de uma pesquisa em específico, onde permite a produção do conhecimento mediante a utilização de variadas fontes.

De acordo com Marconi & Lakatos (2002) pesquisa desenvolvidas por meio de levantamento de dados em fontes secundárias (estudo bibliográfico), buscam-se nas obras de autores consagrados o embasamento teórico necessário para uma maior compreensão dos fenômenos estudados, objetivando a aquisição de novos conhecimentos a respeito do assunto, como forma de tornar possível a formulação de conclusões válidas a respeito do mesmo, que possam fornecer elementos de debate e reflexão sobre o conceito, formas de vivência e visão do mundo feminino.

Dessa forma, este estudo foi construído através do levantamento de dados encontrados em bibliografias atualizadas já existentes. Foram realizadas pesquisas bibliográficas por meio de livros e periódicos nacionais e internacionais dispostos no acervo virtual, e em bases de dados, onde foram selecionados e consultados artigos publicados originais e de revisão sobre o tema.

### 4. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo analisou a inserção da mulher no mercado de trabalho, o qual aponta que são muitas as desigualdades existentes no Brasil em relação ao mundo do trabalho. Uma das mais evidentes relacionam-se às relações de gênero, menos relacionada à questão econômica e mais ao ponto de vista cultural e social, dificultando, as representações sociais sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Conclui-se que a em um passado não muito distante, os lares eram dominados unicamente pelos homens, as mulheres não podiam sequer, pensar em ganhar dinheiro. As mulheres foram lentamente promovendo mudanças e buscando seu espaço no mercado de trabalho.

Considera-se, de acordo com a fundamentação apresentada, que as maiores dificuldades das mulheres na inserção no mercado de trabalho, sendo que 11,3 milhões do total de mulheres estão sem nenhuma atividade. Outra grande dificuldade constatada é com relação ao salário para a mesma atividade uma mulher recebe R\$ 1.097,93, para os homens o salário médio é de R\$ 1.518,31. As mulheres ganham cerca de 72,3% do rendimento recebido pelos homens, o que demonstra que a mulher ainda tem muito a conquistar no mundo do trabalho.

### REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

BERNHOEFT, R. **Como tornar-se um empreendedor (em qualquer idade)**. São Paulo: Nobel, 1996.

BOSI, E. **Lembrança de Velhos: Memória e Sociedade**. 1. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

BURKE, P. **A escrita da história novas perspectivas/ Peter Burke (org); tradução de Magda Lopes**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARVALHO, M. J. **Formação das Almas. O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paul: Atlas, 2002.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: [www.ibge.gov.br/.../trabalho./Mulher\\_Mercado\\_Trabalho](http://www.ibge.gov.br/.../trabalho./Mulher_Mercado_Trabalho). Acesso em: 30 mar. 2013.

MIRANDA, A. Ser mulher. Revista Veja: Reflexões para o Futuro. Disponível em: <http://direitosp.freevar.com/mulher.htm>. Acesso em 23 jan. 2013.



HOBBSBAWN, E. J. **Era dos extremos: o breve século XXX: 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

THOMPSON, P. **Senhores e caçadores**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 1997.